



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC - CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

JOÃO PAULO DE FARIAS

SÓCRATES E UMA COMPREENSÃO PRÁTICA DE JUSTIÇA

CAMPINA GRANDE

2019

JOÃO PAULO DE FARIAS

SÓCRATES E UMA COMPREENSÃO PRÁTICA DE JUSTIÇA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para aprovação no curso de Licenciatura em filosofia. Departamento de filosofia - UEPB/ Campina Grande.

Orientador: Dr. José Arlindo Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224s Farias, Joao Paulo de.
Sócrates e uma compreensão prática de justiça
[manuscrito] / Joao Paulo de Farias. - 2019.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho. ,
Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia socrática. 2. Filosofia antiga. 3. Filosofia
medieval. 4. Pensamento de Sócrates. I. Título
21. ed. CDD 183

JOÃO PAULO DE FARIAS

SÓCRATES E UMA COMPREENSÃO PRÁTICA DE JUSTIÇA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para aprovação no curso de Licenciatura em filosofia. Departamento de filosofia - UEPB/ Campina Grande.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em 06/11/2015



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

O homem é livre de pensamento.
Ser preso a seus atos é sua existência
Autoria Própria.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A JUSTIÇA NA FILOSOFIA CLÁSSICA	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

SÓCRATES E UMA COMPREENSÃO PRÁTICA DE JUSTIÇA

SOCRATES AND A PRACTICAL UNDERSTANDING OF JUSTICE

Autor: A República/Platão

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso é constituído dos elementos curriculares que foram mais presentes na concepção do aluno e que o levou a desenvolver aquele tema escolhido. Isto também ocorreu em meu caso; onde desde o início dos trabalhos acadêmicos em 2011 tive um grande apreço pelas ideias e filosofia Socrática; especificamente onde se trata da essência do homem e o conceito de justiça. Não apenas na concepção de justiça em si, mas pelo seu método filosófico e a preocupação com a relação entre causa e pessoa. Entretanto, neste trabalho pretendo se chegar através dos diálogos platônico do livro a *Republica* a uma compreensão da natureza prática do pensamento Socrático. Conhecemos uma história de séculos de pensamentos que acontece nesta casualidade; muitos acreditam que a história é uma viagem continua ou também um ciclo que se repete repentinamente, mas que estamos constantemente aprendendo. O pensamento abordado por Sócrates é da maior naturalidade possível, mas que se exige o máximo de racionalidade para ter a maior aproximação desta causalidade. O homem é um ser associável diferente dos outros animais, sendo que faz uso da razão e se constitui em si e em relações. Através dos diálogos platônicos podemos ver que o homem é um ser em infinitas dimensões; mas que possui uma causa e uma finalidade. Com isso podemos voltar a Sócrates e a nós mesmo com a pergunta; qual a essência do homem? O que é a verdade, o poder e a justiça? Conhecer estes termos é da maior importância para compreender nossa história e nossos limites, e de nossa compreensão humana do sentido de justiça.

Palavras-chaves: Poder; Verdade; Justiça.

ABSTRACT

The work of completion of course is constituted of the elements curricular what went more present in conception of student and what in live the advance that shortlisted theme. This in addition strike in my case; where since the inception of works academics

in 2011, hold an considerable appreciation from ideas and Socratic philosophy; specifically where it comes to essence of man and concept of justice. Not only in the conception of justice itself, but by his philosophical method, and concern with the relationship between person and cause. Meantime, in this work I intend to get through of platonic dialogues from the book to the Republic to an understanding of practical nature of Socratic thinking. We know a history of centuries of thoughts what happens in this coincidence; many believe that the story it is a journey continues or also a cycle that repeats repeatedly but who we are steadily learning. The thought raised by Socrates It is of the utmost naturalness, but possible that requires the maximum of rationality to have the greatest approximation of causation. Man is a being associable unlike other animals, being that makes use of reason and If constitutes in itself how much in relations. Through the dialogue Platonic we can see that the man is a being in infinite dimensions; but which has a cause it's a purpose. With this we can go back to Socrates and the us even with the question; what is the essence of man? What is the truth, the power and justice? Knowing these terms is of the utmost importance to understand our history and our limits, and in our human understanding sense of justice.

Keywords: Power; Truth; Justice.

1 INTRODUÇÃO

Nesta análise pretendo trabalhar a filosofia platônica que através dos seus diálogos junto à figura de Sócrates, seu mestre, edifica uma “narrativa” de diálogos filosóficos da maior importância, que retrata princípios de uma nova filosofia. Seu pensamento veio a ser uma das maiores contribuições do período clássico para todos os povos e períodos, não só pela sua importância histórica, mas pela sua essência de conteúdo e abordagem de método.

Encontrar o pensamento de Sócrates nos diálogos platônicos é ter uma possibilidade de conhecê-lo, por estarem mais próximos daquele que se reverenciou um predestinado a ensinar e transmitir conhecimento. Principalmente de conhecer e dialogar com todos que lhe foi possível em tudo aquilo que se fazia de maior importância. O seu personagem central nos diálogos deu ao pensamento amplitude e não foi por acaso, mas pelo seu domínio central das ideias, de uma maturidade e de uma busca daquilo que é a essência e os fundamentos de uma vida.

Todo trabalho tem por princípio uma obra que se configura de uma possibilidade que aconteça; a “República” é um grande tratado, o registro de uma época que o conhecimento busca se petrificar nas naturezas das relações, naquilo que está mais perto de cada natureza. O grande teor abordado na “República” é a divisão de conceitos; um pensamento que delimita a pessoa em definições de ser ou não ser; logo para encontrar o sentido de justiça por essa definição precisam-se comparar os diálogos em sua essência de significados que se passa toda a abordagem. O maior objetivo neste trabalho é desenvolver conceitos de virtude que traduzem algum valor desde o período socrático; que se configuraram na política, no direito e no dia-a-dia.

Com o sentido filosófico voltado para o ser podemos entender a defesa socrática com sua maior finalidade a praticidade e a objetividade; que venha a ser entendida no âmbito das relações, na efetividade e no direito; e não de forma circunstancial e casual. Ideias do senso comum que se universalizam pela opinião; ideias substanciais reconhecidas e assimiladas nas práticas que formam todo o ser social. Sendo os diálogos um exercício e uma fonte de conhecimento que permite dimensionar uma existência constitutiva por meios práticos.

2 A JUSTIÇA NA FILOSOFIA CLÁSSICA

Conhecer o sentido e os pressupostos que integram nossa participação em uma faculdade que se dá desde os primórdios da filosofia para um maior entendimento; um sentido que nos orienta a um valor humano; que são garantias que a vida acontece em valores e participação em direção a um Bem. Se existem valores que determinam é porque existem razões; quais fundamentos de bem e mal que nos torna pessoas dignas de uma causa? Qual a dimensão na sua relação com nosso Ser?

Sócrates viveu por volta do ano 470 a. C. a 399 a. C. e tenha nas suas investigações encontrar o conhecimento que nos faz diferentes e melhores; o constituir racional que nos possibilite caminhos do saber no qual se passa indivíduos e povos. Sócrates viveu o auge da democracia ateniense no período governado por Péricles. Tendo sido um homem público; soldado, escultor e na maturidade filósofo; ele foi um filósofo que via o homem em possibilidade de poder transformar. Também foi inovador na sua filosofia e no seu método para se chegar ao conhecimento; tendo como objetivo dar a luz ao entendimento, onde se poderia conhecer o significado a uma verdade razoavelmente concebida e assimilada pelo intelecto.

Nesse contexto histórico de grande importância; em uma Grécia formada por diversas cidades-estados, que tinha uma influência política, um comércio de muito intercâmbio e tinha na filosofia as bases do desenvolvimento intelectual e político; cenário onde Sócrates desenvolveu seu pensamento (trabalho). Sócrates acreditava ser um predestinado a uma missão: levar o conhecimento às pessoas; indo ao seu encontro para que elas se autoconheçam e pudessem ir além das próprias opiniões. Mesmo ele debatendo com pessoas de vários setores, com diferentes graus de realidade; sabe-se que é precisamos ir além das opiniões, construir ideias, ter sensibilidade prática, sentido de realidade, para se conceber significados de conhecimento.

Sabendo que a filosofia era uma prática exaltada na Grécia e em Atenas, que as discussões aconteciam em praça pública (na Ágora) como forma de exercício valioso do saber; podemos imaginar o nível de desenvolvimento intelectual que os mestres da retórica poderão alcançar; tendo em vista as questões relevantes que se tratava, mesmo porque existiam mestres na arte de ensinar que eram mercadores de excelente capacidade. Para desenvolver um pensamento neste contexto, precisa-se de um bom referencial teórico e de um bom embasamento da faculdade de conhecer. Mesmo porque se reverencia o ensino (escola) que tenha o conteúdo do saber, que nos diga algo, e nos leve a algo. Não podemos iniciar um pensamento de grande importância sem nenhuma referência metódica para o âmbito da questão. Deste contexto histórico podemos imaginar a importância dos diálogos socráticos narrados por Platão em que ele aparece tratando de temas de razões e fundamentos; de justiça, essência e virtude.

O que se compreende da história até nossos dias é que não deixamos de ser pessoas do nosso tempo, produto de nossa época. Que somos contagiados pelo meio em que vivemos, e nos tornando pessoas politizadas em nossas práticas e discursos. Não são apenas teorias filosóficas praticadas, mas um pensamento político que exaltamos na defesa das mais variadas causas (onde tomamos partido). Sócrates foi um filósofo que não se prestou a apenas fazer um discurso político, mas de racionalizar uma ética do conhecimento, de buscar conhecer a partir das diferenças e de cada realidade. Conhecer a nós mesmos e as nossas especificidades são conceitos de uma ética para um conceito política nas relações.

Em seus diálogos com Polo, narrado por Platão, Sócrates aborda questões da ética e da justiça. O que seria pior, sofrer uma injustiça ou praticá-la. Algo verdadeiro que existe e precisa ser extraído. De como somos e por que; enquanto nos tornamos pessoas.

Sócrates: ...Porque o maior dos males consiste em praticar uma injustiça.

Polo: Esse é o maior? Não é o maior sofrer uma injustiça?

Sócrates: Absolutamente não.

Polo: Preferias então sofrer uma injustiça a praticá-la?

Sócrates: Não preferiria uma coisa nem outra; mas se fosse inevitável sofrer ou praticar uma injustiça, preferiria sofrê-la.

[478d-e] Sócrates: ...Considerando-se dois doentes, seja do corpo ou da alma, qual o mais infeliz: o que se trata e obtém a cura, ou aquele que não se trata e permanece doente? (GÓRGIAS / Platão, 2002, p. 159 - 160).

Nisso, Polo por sua vez concorda que o pior mal é aquele que não pode ser tratado para se obter a cura. Certamente ele estava falando dos males da alma, levados pelos erros que nos castiga e aprisionam; diferentes de um Bem.

Podemos pensar que para conhecer o que é justo ou injusto precisamos saber o que é justiça. Pelo que vimos nos estudos platônicos é que existe uma defesa de um valor histórico do ser em particular e na sociedade. Sabendo que a justiça precisa ter um significado presente; entende-se que uma ação não possui o mesmo valor para todos. As ações são fatos; podendo ser uma ação injusta para um e não ser um “mal” (injusto) para outros. Os elementos contribuintes são determinantes na formação e compreensão de cada caso; se a ação foi justa, injusta ou uma consequência “natural”.

Certamente não era só este tipo de justiça que Sócrates estava falando nos diálogos (onde cada caso é único), mas de uma ação sem fundamentos precedidos, que não está na normalidade conjuntural (política). Sócrates entendia que os males da alma são piores do que os males do corpo, e que a punição a esses males (da alma) levaria ao aperfeiçoamento do ser enquanto sujeito (alma). Se algo acontece de uma forma em vez

de outra é porque existe uma essência (um bem) a ser tratado; e que só podemos compreendê-lo quando nos compreendemos a nós mesmos e a coletividade; sendo isso o que se trata de mais relevante às pessoas e a política por sua filosofia.

Sócrates valorizava o bem, o conhecimento para com as relações; tendo nisso sua preocupação com as boas práticas. Compreender o que é justo ou injusto se faz necessário para uma vida equilibrada de valores. Mas sua pergunta do que seria pior, sofrer uma injustiça ou praticá-la? Sendo uma pergunta que se faz presente em todo o momento e em todas as ações. Se pensarmos na justiça como sendo uma construção humana ainda se formam muitos juízos; logo todo contexto seria levado em consideração para entender tais fatos e ações.

Pensando-se pelas consequências da ação a uma natureza, e a maneira como se pode realizar sua reparação aos males; podemos dizer que Sócrates tinha a melhor opinião. Sofrer uma injustiça seria uma ação de menor dano para o convívio social do que a praticá-la. Logo a boa ação nos liberta para um bem, nos engrandece a alma enquanto seres humanos; enquanto as más ações nos aprisionam do direito e do bom exercício. Sabe-se que Sócrates acreditava no mal em si, na natureza da ação, ainda que se apresente vantajosa para quem a pratique não se constitui por via legítimas de um Bem, não se compartilha de um sentido a verdadeira natureza das relações.

Nossas ações são escolhas de possibilidade, mesmo podendo agir ou não; para se transformar em um valor social, uma ação que nos vai predestinar à outra possibilidade na qual nos vamos se reconhecer. Somos um Dever em pleno contato com o meio natural e social. Sem dúvida que para quem pratica uma injustiça fica muito mais difícil o convívio nas relações do que para aqueles que agem por um bem. São atributos de valores que estão sempre nos encontrando constantemente. Compreender a justiça como séries de valores que conduz a vida; é poder atribuir valores a nossa participação (de nos legitimar) por um espírito vivo que nos conduz a um destino.

A coragem, a beleza, o conhecimento são valores constituídos socialmente; aquilo que não é útil ao coletivo, não é um bem da mais alta importância. Encontrar o equilíbrio nas relações é um desafio permanente, do menor ao maior grau, para que seja aceito como justo ou injusto; a um bem legítimo que precisa passa-se por uma aceitação da vontade geral para adquirir uma verdadeira importância.

A vida é enfrentamento, uma relação constante de formação e recepção: de práticas que envolvem toda natureza do ser social. Não é o destino que nos persegue; mas a complexidade que a vida contém que se torna destino a um novo encontro. Sendo nossas intervenções razão com que sejamos sempre destinados a vivenciar experiência do existencial. Um ciclo de relações que caminhamos, de trabalho e correspondência. Sempre temos que enfrentar os opostos que vivenciamos em circunstâncias diversas; numa relação fiel de fazer hoje e receber mais adiante. Enfrentar sempre que puder ao nosso jeito, é o melhor; sendo uma realidade que temos de passar vencendo ou sendo vencidos. Sempre estamos nos renovando e ficando velhos, entrando na moda e saindo

da moda, um fluxo constantemente de ação e reação. O que vai permanecer é como assimilamos e lhe damos sendo efetivo com nossas práticas.

Na verdade, a justiça era qualquer coisa neste gênero, ao que parece, exceto que não diz respeito à atividade externa do homem, mas à interna, aquilo que é verdadeiramente ele e o que lhe pertence, [...], mas depois de ter posto sua casa em ordem no verdadeiro sentido, de ter autodomínio, de se organizar, de se tornar amigo de si mesmo, de ter reunido harmoniosamente três elementos diferentes, exatamente como se fossem três termos numa proporção musical, o mais baixo, o mais alto e o intermediária (razão, concupiscência, cólera). (PLATÃO, 1972, p. 204).

Sabendo que a educação, o trabalho, a política são formas de participação social que nos levam para uma condição melhor. E pela nossa participação podemos nos mover em direção a algo, que nos livra de uma condição de impossibilidade; sendo o bem um valor estimado e que não acontece por acaso, mas que é algo tratado; entendendo que a sociedade é dinâmica e busca um progresso permanecendo-se fechada naquilo que não é aceitável, onde existem certos preconceitos que acontecem no meio das relações. Logo, se pensando nesse modelo de relações, ser justo é um valor imprescindível para que tenhamos a estimada reverência por uma compreensão do melhor modo possível.

Podemos dizer que Sócrates buscava um sentido de verdade a partir de si próprio (da alma); os sofistas relativizavam o conhecimento aos seus próprios interesses para o domínio de certas finalidades (a retórica). Sócrates almejava o saber e o autoconhecimento; mas relativizar significa a necessidade de compreender tal realidade, de que existem componentes diferentes e valores diferentes; que existe algo a ser abordado das constâncias a serem traduzidas em detrimento de uma causa; a certeza que existe um domínio nas relações que precisa ser trazido a luz da consciência. Mesmo em detrimento da retórica (dos sofistas) ou “cientificamente” (Sócrates) a compreensão do valor de verdade é uma necessidade para uma sociedade política que passa pelo saber e se estabelece em um valor de um exercício que precisa ser tratado a tal realidade.

Assimilando-se por um modelo de sociedade em via de regras de comportamento que se constitui em relações de poder e finalidade; podemos dizer que o que contagia e determina os interesses de todos é um valor lógico; o sumo Bem estimado onde se constitui um desígnio. Sendo o justo ou o injusto, uma ação impetrada constituída naquilo que desde então se recorre em ato. Sabe-se que todo dano é uma mácula em seus efeitos nocivos que permeia as relações; entretanto, seguindo o pensamento Socrático acerca das boas práticas; sofrer uma injustiça seria mais aceitável do que cometer em detrimento de uma realidade efetiva que se encontra o sujeito.

Sócrates não acreditava em um bem só para satisfazer as relações políticas, mas acreditava que se existem forças diversas que nos movem, que só através do bem poderia se chegar a uma emancipação do Ser (a sua plenitude). A paz de espírito que

pode se dá através de boas ações; mas que esse Bem não deixa de ser uma autovalorização que nos fortalece ao estimável; a grande certeza de que podemos ser capazes por muitas circunstâncias; em participar de forma correspondente que a vontade não seja diferente de um bom sentido.

Sabendo que as relações não são apenas políticas e meras convenções, mas se instituem em algo, que nelas se representa o mais íntimo de cada ser; são fatores que nos qualificam como possuidores de tais condutas, próprias enquanto membros associáveis que se julgam donos de pressupostos e que se reconhecem no direito adquirido (venerável); enquanto ao ato que se valoriza passa a ser uma importante dimensão de cada entidade.

Valorizar é conhecer o que é próprio sem discriminar nem aceitar imposições. Valorizar o ato em si formado em diferentes espaços: a civilização é complexa, mas só podemos aceitar aquilo que nos identifica; que tenha algo de nossos pré-requisitos, de uma realidade vivenciada. Somos nossas ações e não as de outro; logo se entende o quanto importantes somos e o que fazemos. Nossa participação não deixa de ser como queremos ser reconhecidos, mas também é nosso próprio crescimento, que ganha sentido através de uma ordem justa. A vida é vivida e vivenciada a cada instante, uma troca em crescimento e aperfeiçoamento que ganha outra (maior) dimensão quando é tratada dentro dos limites de uma realidade.

Sócrates: A medicina não procura a conveniência da medicina, mas do corpo. [...] Nem a da equitação, mas a dos cavalos. Nem nenhuma outra arte a sua, pois de nada carece, mas a daquela a quem pertence.

Trasímico: Assim parece.

Sócrates: Mas então, ó Trasímaco, as artes governam aquele a quem pertence? [...] Portanto, nenhuma ciência procura ou prescreve o que é vantajoso ao mais forte, mas sim ao mais fraco e ao que é por ela governado? (PLATÃO, 1972, p. 30).

Entretanto, o que determina permanece entre a conveniência do mais forte (Trasímico) e a necessidade do mais fraco (Sócrates). Mesmo que exista uma governabilidade que se encontra nos valores em diferentes formas. A justiça é um exercício de poder e do direito (uma definição); o poder que governa, e o poder em si dos indivíduos (governados). Mas que existe algo entre o poder e a vontade, algo paralelo ao indivíduo, independente das condições, ao mesmo tempo em que envolvem em todas as condições. Uma constituição de poderes que legitima pelo consentimento, e que foram fundados na composição de uma ordem de cada entidade. Se nos diálogos mostram que existe algo próprio de quem governa e de quem é governado; percebe-se que tudo não se limita a uma ordem política, mas precisamente por aquilo que se perpetua; pelo que se faz sendo indivíduo capaz de construir possibilidade de ter autoridade sobre as razões que atuam.

Logo, entendendo-se no sentido de um valor e da razão que nos qualifica; se somos formados por qualidades que possuem uma importância e reconhecidos por um sentido que conseguimos impor de utilidade (um Bem). Que sempre estamos em relações constituídas que carregam a singularidade de importante valor, um bem próprio (nato) e se reconhece através do bom e justo. A filosofia é a arte de pensar prática, de extrair do objeto, sendo um reconhecimento da nossa interação pelo reconhecimento de formas diversas a uma ordem de participação. Conhecendo que somos formados por uma condição de poder, que se desenvolvem em relações públicas, mesmo sendo nosso particular, que determinam fatos; é ser (possuir) pessoa de um valor.

Sócrates - Portanto, a justiça parece ter uma força tal em qualquer entidade em que se origine – que seja um estado qualquer, nação, exercito ou qualquer outra coisa – que, em primeiro lugar, a incapacidade de atuar de acordo consigo mesma, devida às dissensões e discordâncias; e, além disso, tornam-na inimiga de si mesma e de todos os que lhe são contrários e que são justos. [...] E, se existir num só indivíduo, produzirá, segundo julgo, os mesmos efeitos que por natureza opera. Em primeiro lugar, torná-lo-á incapaz de atuar, por suscitar a revolta e a discórdia em si mesmo; seguidamente, fazendo dele inimigo de si mesmo e dos justos (PLATÃO, 1972, p. 46)

Ao discutir a presença de uma ordem entre bem e mal, os diálogos socráticos teocratizam o poder da justiça; que o ser humano é fundado ontologicamente por um poder além de sua própria vontade; que mesmo sendo livre, ele faz, mas não consegue ser senhor absoluto do seu próprio destino. Mas que existe um campo que incide onde cada um atua; uma ordem que exige a participação de cada um por valor que venha a ser construído. Não podemos compreender a justiça apenas de modo histórico, mas pela sua efetividade prática; que somos seres de infinitas dimensões por onde passa o grau de poder e veracidade para com aquilo que tratamos. Mesmo havendo esta composição de bem e mal além do nosso domínio, a nossa composição política é única (singular); que só pode ser compreendida (retratada) de modo à própria pessoa.

Logo que a vida também é ação, trabalho e valores; logo, podemos dizer que a vida também é competitividade. A sobrevivência é motivo de intensos embates onde está o direito de cada um. Não é de se discutir se a vida é boa ou má, se somos capazes de produzir o suficiente a nossa vontade, se somos pessoas insaciáveis ou não; mas de se entender que estamos inseridos em uma ordem a qual precisamos ser fiéis pelo que somos e pelo que se faz próprio pelo nosso exercício. O termo justiça revela que somos seres especiais e não pessoas virtuais, que não somos seres aleatórios, mas que precisam de um cuidado pelas escolhas; não por um sentido religioso (amor, piedade e afinidade), mas por algo natural que completa um sentido em si e no outro, que se conceitua em um bem pelo princípio de civilidade que em cada um se desenvolveu.

Enquanto Platão entendia a justiça como uma ideia perfeita (imutável); entretanto também podemos compreendê-la como sendo “um ciclo” que permanece fechando-se

constantemente; só sendo alcançado por aqueles que agem corretamente. Os que agem com justiça conseguem contornar perfeitamente em seu tempo; os que não agem sem o seu melhor são insuficientes para contornar por uma ordem próspera (virtude). Enquanto a vida uma ação de forças diversas que se passa por constantes reparos; conhecendo que somos sedentos de algo que permanece em cada um e nos alimenta (nos torna); que vem por se tornar uma condição determinante, princípio de uma essência e não de uma condição descaída; é saber que temos um compromisso que se passa nas relações.

A filosofia não deixa de apresentar uma importância que temos de dominação; sendo que para possuir relações de valor é preciso se cultivar (cuidar de si). As relações não são largadas a qualquer modo, mas uma constituição que determina; sendo um progresso constante; a importância formada é o trato que damos decisivo para um destino; o termo justiça é o caminho, o divisor de água e a maior virtude a nos guiar.

Certamente Sócrates tinha como finalidade única e exclusiva o bem comum a uma verdade, do ato em si; o que parece ser vantajoso e não se constitui por uma via legal não é um direito. Se não é uma ação do bem não é uma virtude; sendo o que nos habita como um valor que não nos qualifica. Se não é um bem em si, é um mal que contagia.

Também podemos entender que as ações são fatos e atos que não se predica; a questão do bem e mal são gosto do entendimento de cada pessoa e razões por elas determinadas. Cometer ou sofrer uma injustiça é gosto e circunstância da nossa condição. Entendendo-se que existe uma produção histórica que passa pela subjetividade; há de existir a melhor verdade, a mais próspera (um conceito a uma referência), aquela que venha a torna-se a melhor. No outro sentido não há uma lei geral para todos; a discussão da filosofia pode se ocupar de entender cada caso junto às opiniões. Apenas podem-se teorizar sem nenhuma convicção geral (de todos) que a injustiça sofrida e cometida são valores que permanecem em nosso caminho a ser superado. Que são valores de proporções inversas; quem se beneficiou ilegitimamente vai ter consequências de um mal, e quem foi prejudicado em consequência de um bem. Ser justo é um bem que realça as relações e passa a ser mais prático. Ainda que seja apenas teoria sem nenhuma racionalidade teórica, pode-se dizer que a ação justa ainda é o melhor remédio para o bem da alma e das relações práticas.

A política é a arte que forma e transforma e que dela somos prisioneiros: a arte que constrói, mas também que pode destruir; que transforma o belo em feio e o feio em belo; que transcende, mas que não deixa de ter sua naturalidade; pois tem um sentido antes e depois pela qual se passa. Mesmo que a ordem convirja a um destino, não deixamos de ser e ter nosso sentido político. A essência de verdade e justiça se fundamenta no sentido que passa o objeto (o valor); por uma ordem que está mais perto do natural (própria), que do racional (vontade); mas que se legitima por razões determinadas numa ordem além do nossa vontade, que se faz em toda causalidade do ser em si e em sua participação (opinião).

Essa forma de compreensão prática da realidade nos guia para o entendimento do processo e da integração humana; esse interagir em um processo de valor que nos move e nos dinamiza em um destino de conteúdo vivido. Platão acreditava que as pessoas possuíam níveis de habilidades diferentes (capacidade); sendo os mais talentosos os que estão mais hábeis para exercer o governo. E que cada um deve se ocupar em fazer aquilo que sabe fazer de melhor; compreende-se que o talento e a virtude são valores que formam a natureza das relações por aquilo que nos potencializa.

A forma investigativa de Sócrates e o método narrativo de Platão certamente foram da maior importância para que toda obra ganhasse uma multiplicidade de termos em grande profundidade por todos os aspectos; sendo um conteúdo singular da abordagem do conhecimento e do método; que esse conhecimento se deu e passou a ser transmitido. Mas nada disso tinha sentido se não fosse sua realidade efetiva, um sentido humano nas relações, um direito de poder por bons termos sociais. Logo podemos entender o quanto a moral, a ética e o exercício de cada um são importante para se compreender e transformar cada realidade por princípios de nossa participação.

Mesmo sendo o auge do pensamento clássico os diálogos socráticos não deixam de ter sua simplicidade cotidiana; de ter como foco os problemas e as questões diárias e principalmente a busca do conhecer. Sócrates foi mestre ao se encarregar de uma investigação, de ensinar, de propor um método, de reunir pessoas em prol de uma causa. Isso foi sua filosofia; talvez seu maior objetivo não fosse aonde se pretendia chegar, mas de transformar e melhorar pelo conhecimento até aonde não se chegaria; que a maior verdade que devemos ter é sempre a busca do conhecer. São nossos fundamentos que revelam uma importância, logo o método que transforma sempre vai ecoar uma voz política; nesses termos aconteceu a filosofia de Sócrates; onde se vê a força do seu trabalho e dos seus conhecimentos desenvolvido naqueles parâmetros.

Certamente a sociedade ateniense não era tão ingênua dos seus direitos; mas o que se estabelece como conteúdo que ganhou forma e tornou-se o centro de grandes discussões é ousar trazer diferentes opiniões para o campo das ideias, por onde já existia uma grande mobilidade artística, filosófica e política. Como dimensionar razões do homem (do seu ser) em meio ao desenvolvimento e as transformações pelas quais passavam. Existe algo além de um destino, existem razões que fundam o ser e um sentido. E Sócrates deu discussão a tudo isso; por sua visão histórica, sua filosofia e método; sendo o grande interlocutor; logo sua filosofia não estava mais apenas no campo do ensino, mas cheia de um sentimento crítico de conhecer (política).

Sócrates foi um dos melhores não apenas porque tinha as melhores ideias, mas porque fez o melhor trabalho. Logo, para fazer um bom trabalho precisa-se de boas ideias; é nossa capacidade de acreditar e transformar aquele conhecimento para que se torne uma realidade. O conjunto de nossa capacidade é o que muitos vão chamar de trabalho, filosofia ou produção literária, mas constitui o retrato e a dimensão do artista que se exterioriza. Se ele não deixou registro escrito pessoalmente de sua obra, isso

talvez tenha sido sua maior marca; de renunciar a um fundamento importante em prol de outro que o impulsionaria para uma maior dimensão. Isso é a verdadeira filosofia; que não está acabada, que não nascem de ideias prontas, mas uma verdadeira busca do saber que sempre precisa de um bom trabalho; e foi isso que Sócrates conseguiu realizar.

O que se dá para entender pelo pensamento de Sócrates é que não é possível separar a justiça da ética; mesmo se tratando de nossas habilidades pessoais e da dominação que temos sobre nossas ações, que a justiça seja direcionada por um bem que supera qualquer forma. Se em alguns momentos ele discute os termos em que ela deve ser utilizada; também não se separa do exercício prático, que o homem justo é um bom guardião do direito ao mesmo tempo em que é possuidor de habilidades para tratar de obstruções a esse direito. Mesmo que isto não formaria uma definição por completo; logo os termos socráticos são muito amplos, pois nos dão a entender que a efetividade prática da justiça está muito entrelaçada do ser enquanto sujeito.

Mas enquanto instituição quais seriam os valores e obrigações para promover uma sociedade baseada em fundamentos da justiça. Uma fórmula pronta ainda não é conhecida, mas certamente existe uma defesa da ordem, da liberdade e do direito. O estado é um guardião supremo que não deve estar subordinado, que reconhece o direito e deve zelar pelos seus serviços; logo que as potencialidades e as virtudes políticas são determinantes para um destino político. Não podemos conhecer a política por outros caminhos diferentes daqueles vividos; onde devemos separar a função pública do particular, e saber o quanto cada um tem para oferecer ainda são princípios éticos de uma boa política governamental.

Se dialogar foi o método socrático que trouxe grandes reflexões e dimensionou novos entendimentos; logo talvez ele não tenha se ocupado a encontrar uma maneira de entender aqueles conceitos, mas de entender por inúmeras maneiras; por isso ele não se prestou a encontrar uma verdade, mas de negar inúmeras verdades formadas. Não era só capacidade intelectual seus argumentos, mas fundamentos políticos, senso de ideias, praticidade; caso contrário ninguém ia se ocupar de julgar uma pessoa que não possuísse algum sentido e tal significado. Logo, sua vida, seus ensinamentos, seu embate político, dá respaldo a toda sua obra que não teve apenas um significado. O que faz entender que a filosofia não é tão abstrata o quanto alguns querem imaginar; mas de forma, de conteúdo e princípios.

Podemos dizer que suas ideias foram o centro das discussões até onde alcançou; logo ele despertava interesses e continua a despertar, mesmo que não diga ao certo uma maneira, mas diga muito mais; que existe uma razão para nossas verdades que precisa ser conhecida; não por uma norma prática, mas pelo compromisso enquanto pessoa capaz de conhecer o certo e o errado, o bem e o mal, e agir em razões de um bem. Sócrates foi além de tudo; além de si mesmo, além de filósofo e de um bom orador, foi uma figura pública que parte de sua singularidade do saber a uma razão, por toda natureza do ser; onde ele não se limitou a qualquer pensamento político, mas pela força

dos seus conhecimentos ele conseguiu transpassar argumentos. A alma de sua filosofia é uma verdadeira autenticidade ética; por nossa autenticidade em si, que seja do nosso íntegro; o que elevou o grau de uma verdadeira defesa política e filosófica.

Mesmo que a filosofia faça definições formais em termos filosóficos existem razões pelas quais são inseparáveis do sujeito; e Sócrates compreendeu isso muito bem; mas não deixou de dar praticidade às coisas, e também um sentido da naturalidade infinita do ser, enquanto que se constitui de elementos que envolvem toda uma dimensão de modo, poder e grandeza (atitude). O que existe além de nossa praticidade é o que somos no mais íntimo do nosso ser, mesmo que ela nos revista de capacidade por diferentes maneiras; existe a grande dimensão interior daquilo que somos em particular por aquilo que realizamos.

Quando Sócrates defende que a justiça se passa pelo domínio interno do homem é porque só pode ser uma constância na sua praticidade que venha do equilíbrio, da moral e de um princípio ético; uma vez que exteriorizado esse equilíbrio, torna-se o nosso ser em qualidades e potências. Razões pelas quais cada um (ser) possui uma finalidade no pensamento platônico; que devemos ser útil para com aquilo que fazemos de melhor. Entretanto a justiça é muito superior a qualquer finalidade; logo que ela não é apenas um princípio prático do ser; mas um princípio moral que nos constitui a uma essência superior a qualquer coisa de que posamos realizar que não venha dela própria.

Um dos males que devemos evitar são as inclinações; para uma vida virtuosa de princípios, e não pela falsidade; que devemos corresponder a um valor de um bem. Nisso se compreende que a filosofia seja uma ciência superior; logo aqueles que não possuem uma natureza desenvolvida para uma praticidade do bem são limitados de atingir a verdadeira sabedoria. Sabendo que a vida se passa por provações e desafios, mas que existe uma maneira de ser consigo e com o outro, que se passa pelo equilíbrio das práticas; logo, só aqueles que foram capazes de renunciar os desejos que não lhe eram permitidos juntos a tais práticas se revestiram de um bem legítimo do direito.

Entretanto, se somos partes de uma natureza criadora; logo, porque existem razões para que possamos viver. Se somos parte da criação é porque temos uma razão e razões para seguirmos um destino que nem sempre é fácil, que nem sempre escolhemos; onde a maior finalidade é de corresponder em razões de um princípio; que é absoluto, mas que precisa se fazer por tudo aquilo que nos pertence, em razões de escolha de uma força superior que nos autentique para um crescimento práticos nas relações. Ao interagir com o outro formamos nosso ser social; que constitui nossa marca, nosso ser político; e mesmo que todo “bem” parta de alguma coisa, existem razões para que isso ocorra que não é só nossa, mas que é a essência de uma forma razoavelmente impetrada.

Sócrates e sua filosofia mostra que é precisa haver uma coerência com nosso exercício, que direitos e compromissos assumidos são sentidos que nos engrandecer; entretanto, que não nos sirvamos de tudo que temos e somos para com uma finalidade (de imposição da nossa vontade (julgar)), mas que a verdade é princípios práticos muito

além de qualquer simbolismo. Logo quando ele refuta a definição de justiça dada por Céfalo (“dizer a verdade e restituir o que se tomou”; Platão – 1972, p. 9), de Polemarco (dar a cada um o que se lhe deve”, segundo Simónides; Platão – 1972, p. 10), ou também a defesa de Transímico (“o que está no interesse do mais forte”; Platão – 1972, p 30). Ele traz um grande teor filosófico; de que não são apenas as razões que constitui a ordem, más que existe uma intensidade constituinte na qual determina todo um sentido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa maior realização (trabalho) não é só pelo que se pensa, entretanto pelo que se faz. Sócrates pensou e fez; certamente quando Sócrates veio a por em prática sua filosofia ela já tinha vivenciado muitos dos seus conhecimentos; o que lhe deu um amplo domínio do conhecimento e o fez um cidadão político; enquanto sua marca se deu pelo domínio da razão prática, que foi seu método desenvolvido. O bom trabalho traz reconhecimento e influências em todos seus âmbitos; quando Platão resolve registrar o que foi Sócrates e seu trabalho; isso revela seu apreço com o desenvolver por aquela filosofia, em que muitos também tiveram. Sinal que ali possui um alto sentido; que existem verdades que precisavam ser conhecidas e vivenciadas no campo político. Mas um dos maiores significado desta filosofia é descobrir que o ser se constitui de algo muito importante; que o trabalho se faz no interagir, na formação de conteúdo, mas por razões que se faz da participação e em participação.

O que Sócrates deixa de conhecimento por sua filosofia é que se existe uma essência, que não é algo inconcebível; nem algo que captamos do outro, mas um valor que podemos fazer a partir de nós, mesmo que haja razões que não se dimensione fora do sentido prático; logo, que estamos à mercê do encontro a algo que nos conduz por uma ordem de bem ou de mal do entendimento. Conhecer a si mesmo é uma forma de nos colocar diante deste desafio; que sempre parte de nós por nossas ações, uma construção do existir que não sejam diferentes de uma essência, de um bem realizado, diante do inacabado que vivemos. Não existe caminho fácil nem uma verdade definida; mas uma certeza que podemos agir em responsabilidade com nós próprios e com o outro, que existe um direito em que cada um participa, um sentido; ao mesmo tempo em que existe um limite onde prosseguimos com nossas escolhas. Entretanto, esses foram os limites dos diálogos socráticos; que nossa participação se dá por atitude, razão, equilíbrio; que fora disso não há crescimento cívico por bons significados. Mas existe a certeza que é possível encontrar fundamento do conhecimento para a prática que nos justifique, pelo trabalho e por nossas escolhas; mas logo pelo agir é quando tudo se inicia; para o bem ou para o mal; pois que não vai existir caminho sem sentido e sem direitos. É disso que trata a filosofia e o direito; pensar e agir formam o nosso ser. Todavia, em razões do conhecer verdadeiro podemos dar respaldos aos nossos limites que sonhamos e a praticamos.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. **Górgias**. Belém: EDUFPA, 2002.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1972.

TRABATTONI, Franco. **Platão**. Coimbra: Annablume Clássica, 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a mim e a cidade da instituição - UEPB (Campina Grande); com a certeza que nunca estive sozinho até concluir este trabalho.

Agradeço meus familiares; mãe, irmão e outros que acreditaram. Pelo empenho e compromisso por todos esses anos e ver que foi possível.

A colega de classe que contribuíram em diversos âmbitos.

Ao orientador: Dr. José Arlindo Aguiar Filho.

Aos professores e coordenadores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada, que de hoje em diante passa a ser uma importante etapa vencida.

Por me tornar parte de mais um conhecimento; viver é conhecer e ser parte; por este universo que hoje me constitui em partes.